ANNO VII — Domingo 22 de Setembro de 1872 — N. 38

ASSIGNATURAS
CORTE E NICTHEROY
Por um anno. . . . . 6$000
Por seis mezes. . . . . 3$000
PROVINCIAS
Por um anno. . . . . 7$000

O APOSTOLO

PERIODICO CONSAGRADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO E DA SOCIEDADE
SOB OS AUSPICIOS DE SUA EXC. REVMA. O SR. BISPO DIOCESANO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

As communicações e reclamações devem ser dirigidas unicamente á Redacção, na typographia do Apostolo, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Dum lucem habetis, credite in lucem. (S. JOÃO, CAP. 12, V. 36.)

Clama itaque, clama, ne cesses. (Carta de Pio IX á Redacção do Apostolo.)

Calendario da Semana.

22. Domingo. Quarta dominga de Setembro e decima oitava depois de Pentecostes. Festa das Dores de Nossa Senhora. *Missa pro populo.* Côr branca. (Duplex maj.)

23. Segunda-feira. S. Lino. Papa. Martyr. Côr vermelha. (Sem.) Suffragios e preces.

24. Terça-feira. Festa de Nossa Senhora das Mercês. Côr branca. (Duplex maj.)

25. Quarta-feira. Festa das Chagas de S. Francisco. Côr branca. (Duplex.)

26. Quinta-feira. S. Thomaz de Villa Nova. Bispo. Confessor. Côr branca. (Duplex.)

27. Sexta-feira. S. Cosme e S. Damião. Martyres. Côr vermelha. (Sem.) Suffragio e preces.

28. Sabbado. S. Venceslão. Martyr. Côr vermelha (Sem.) Suffragios e preces.

Cathecismo dos Parochos.

DO SEXTO MANDAMENTO.

CAPITULO VII.

Não commetterás adulterio.

§. 1. *A que se dirija este preceito e de que modo ha de ser explicado pelos parochos.*

Porquanto a alliança do marido e mulher é mui junta, e nenhuma cousa lhe póde acontecer mais suave, que entenderem, que com singular amor se amam um ao outro; e pelo contrario, nenhuma mais grave e odiosa que sentirem tirar-se de entre elles para outrem o devido e legitimo amor: bem e ordenadamente se segue esta lei da fornicação, ou adulterio depois daquella, porque a vida do homem se defende da morte: para que nenhuma pessoa se atreva, adulterando, quebrar ou apartar o honrado e santo ajuntamento do matrimonio, do qual costuma proceder grande força de amor. Mas a declaração disto seja o parocho mui avisado e prudente, e trate com palavras encobertas esta materia, a qual requer pratica mais moderada que copiosa; porque se ha de temer que trabalhando elle por declarar muito larga e copiosamente os modos porque os homens deixam de cumprir esta lei, venha por ventura a cahir em prática de cousas de que costuma nascer mais materia de incitar sensualidade que modo de a refrear

§. 2. *Que preceitos se encerrem neste Mandamento.*

Mas por quanto se não deve passar por muitas cousas que se contêm neste preceito os parochos as declarem em seu lugar. Assim que a força delle é de duas maneiras, uma por claras palavras prohibe o adulterio, outra tem encerrada esta sentença, que guardemos castidade da alma e do corpo.

§. 3. *Que se prohibe neste lugar pelo nome de adulterio.*

E para que a doutrina comece no que está prohibido, dizemos que o adulterio é injuria de leito legitimo, quer seja alheio quer proprio: porque se o casado pecca com mulher solteira, faz injuria a seu proprio leito, e se homem solteiro pecca com mulher casada, o leito alheio fica sujo com nodoa de adulterio. E por esta prohibição de adulterio, dizem Santo Ambrosio e Santo Agostinho, que são prohibidas todas as cousas deshonestas e contrarias á castidade. E que neste sentido se hajam de tomar estas palavras, se póde colligir na Sagrada Escriptura assim do Velho como do Novo Testamento; porque além do adulterio outros generos de sensualidade se castigam por Moysés.

§. 4. *Varias especies de torpezas que se contam nas Escripturas.*

Ha no Genesis a sentença de Judas contra sua nora: ha no Deuteronomio aquella excellente lei de Moysés, que nenhuma das filhas de Israel fosse mulher publica: ha tambem esta exhortação de Tobias a seu filho: *Guarda-te, filho meu, de toda a fornicação:* outrosim diz o Ecclesiastico *Havei vergonha da vista da mulher deshonesta.* E no Evangelho diz tambem Christo Nosso Senhor, que do coração procedem os adulterios e fornicações que sujam o homem. E o Apostolo muitas vezes com muitas e mui graves palavras abomina este peccado dizendo: « Esta é a vontade de Deos, vossa santificação, para que vos aparteis da fornicação, e fugi da fornicação e não vos ajunteis com os fornicarios. A fornicação e toda a immundicie ou avareza não se nomeiem em vós: e nem os fornicarios, nem os adulteros, nem os moles, nem os que commettem o peccado nefando possuirão o reino de Deos. »

§. 5. *Porque se fez neste mandamento particular menção do adulterio.*

E foi principalmente prohibido o adulterio por palavras expressas, porque além da torpeza que é commum a este peccado com os outros generos de incontinencia, traz tambem comsigo junto peccado de injustiça, não sómente contra o proximo, mas tambem contra a sociedade da republica. E além disto é certo que se não aparta da incontinencia das outras deshonestidades, facilmente cahe nesta de adulterio: pelo que facilmente entendemos que por esta prohibição de adulterio se prohibe todo o genero de torpeza e deshonestidade com que o corpo se suja. E ainda a força da mesma lei que consta ser espiritual, significa que por este preceito é prohibido todo o deshonesto desejo interior do animo; e Christo Nosso Senhor o ensinou por estas palavras: « Ouvistes que foi dito aos antigos, não commetterás adulterio, e eu vos digo que todo o que vir mulher, de maneira que a cobice, já com ella adulterou em seu coração. » Estas são as cousas que julgamos que se deviam ensinar aos fieis, si todavia se lhes accrescentarem as que foram determinadas pelo Concilio Tridentino contra os adulteros e amancebados, deixadas outras muitas cousas e diversos generos de deshonestidade e sensualidade, de que o parocho admoestará cada um particularmente, conformando-se com a qualidade do tempo e das pessoas. Segue-se agora haverem-se de declarar as cousas que nos são mandadas fazer.

§. 6. *Além das cousas que se prohibem, que se determina aqui para se observar.*

Portanto os fieis devem ser ensinados e gravemente admoestados, que com todo o cuidado guardem castidade e continencia, e se alimpem de toda a torpeza da carne e do espirito, fazendo perfeita santificação em temor de Deos. E primeiramente devem ser admoestados, que ainda que a virtude da castidade resplandeça mais nos homens que santa e religiosamente guardam aquelle mui illustre e quasi divino proposito de virgindade; porêm tambem pertence aos que vivendo solteiros ou casados se conservam limpos e inteiros do desejo sensual prohibido.

§. 7. *Que cousas deva principalmente considerar quem quer domar os seus appetites.*

E porquanto os Santos Padres propuzeram muitas cousas, com as quaes nos ensinam a temperar os máos desejos e refrear as deleitações, trabalhe o parocho por declaral-as com diligencia ao povo, e com grande cuidado se occupe nisto. E estas cousas são desta qualidade, que umas consistem em pensamento outras em obra. O remedio que está no pensamento consiste principalmente nisto, que entendamos quanta seja a torpeza e destruição deste peccado, a qual sendo conhecida será mais facil o abominal-o. E que seja crime que traz destruição está claro; porquanto por este peccado são os homens lançados e degradados do reino de Deos, que é o maior de todos os males.

E esta destruição é commum de todos os crimes; porêm deste peccado da fornicação é isto proprio, que os homens que o commettem peccam contra seus proprios corpos, segundo a sentença do Apostolo, o qual diz assim. « Fugi á fornicação, porque todo e qualquer peccado que o homem fizer é fóra do corpo, mas o que fornica pecca contra seu corpo. O que é dito, porque o trata injuriosamente, quebrando sua santidade. Disto escreve S. Paulo aos Thessalonicences desta maneira: « Esta é a vontade de Deos, vossa santificação, que vos aparteis de fornicação, que saiba cada um de vós possuir seu vaso em santificação e honra, não em perturbação de desejo, como os gentios que não conhecem Deos.

Além disto (o que é peior) se o homem christão torpemente se entrega á mulher deshonesta, faz que sejam da tal mulher os membros que são de Christo: porque S. Paulo diz assim:

« Não sabeis que vossos corpos são membros de Christo? logo tomareis os membros de Christo, fazel-os-heis membros da mulher deshonesta? não seja assim. Por ventura não sabeis que o que se chega á mulher deshonesta se faz com ella um corpo! »

Além disto como o mesmo Apostolo affirma, o homem christão é templo do Espirito Santo e fazer-lhe injuria não é outra cousa senão lançar delle o Espirito Santo.

§. 8. *Como se mostra a enormidade do adulterio.*

E ha no crime do adulterio grande maldade. Porque se (como quer o Apostolo) os casados de tal maneira estão postos cada um em poder do outro, que nenhum delles tem poder e direito de seu corpo; mas de tal modo estão entre si atados com atadura quasi de servidão, que o marido deve acommodar-se á vontade da mulher, e pelo contrario a mulher ao mando e vontade do marido: certamente que é muito máo e abominael qualquer delles, que aparta seu corpo daquelle que tem nelle direito, e a que está obrigado. E porquanto o medo da infamia grandemente incita os homens ás cousas que são mandadas e os aparta muito das prohibidas: ensine o parocho que o adulterio imprime nos homens notavel infamia de torpeza: porque na Sagrada Escripture está escripto assim: « O que é adultero por lhe faltar razão perderá sua alma: junta para si torpeza e infamia, e seu vituperio se não apagará. » Póde-se tambem facilmente ver a grandeza deste crime pelo rigor do castigo delle: porque por lei de Deos escripta no Testamento Velho eram apedrejados os adulteros.

§. 9. *Quaes castigos se sigam das torpezas.*

Além disto pela incontinencia de um não sómente o que commetteu o peccado, mas algumas vezes toda a cidade é destruida, como lêmos dos de Sichem. Muitos exemplos de divino castigo estão escriptos na Sagrada Escriptura, os quaes o parocho póde ajuntar, para com espanto apartar os homens da incontinencia abominavel: como a destruição de Sodoma, e as das outras cidades visinhas. o castigo dos Israelitas, que peccaram com as filhas de Moab no deserto, a destruição dos Benjamitas. E os que de morte escapam, não escapam de insoffriveis dôres e tormentos de penas, com que muitas vezes são castigados. Porque ficam tão cégos do entendimento (que é gravissima pena) que não tem conta com Deos, nem com a fama, nem com a dignidade, nem com os filhos, e finalmente nem com a propria vida: e desta maneira se fazem tão máos, e tão sem proveito, que nenhuma cousa grave se lhe deve commetter, e quasi para nenhum cargo de officio são idoneos. Disto podemos tomar exemplos de David e Salomão: um dos quaes depois que adulterou, logo de muito manso ficou cruel, mui differente do que era, de maneira que offereceu á morte Urias, ao qual tinha muita obrigação. O outro soltando-se de todo ao desordenado desejo de mulheres se apartou da verdadeira religião de Deos, de maneira que seguio Deoses alheios. Assim que (como Oseas disse) este peccado tira o entendimento. Agora venhamos aos remedios, que consistem em obra.

§. 10. *Cousas que incitam a luxuria, e que por isso se devem evitar.*

O primeiro dos quaes remedios é, que fujamos muito á ociosidade, com a qual os homens de Sodoma (como está escripto em Ezechiel) fazendo-se preguiçosos cahiram mui desatinadamente naquelle torpissimo peccado de deshonestidade nefanda.

Depois disto se deve muito evitar a bebedice: *Fartei-os*, diz o Propheta, *e commetteram adulterio*: porque o ventre cheio e farto parece incontinencia. Isto mesmo significou o Senhor por estas palavras: « Olhai por vós, para que por ventura vossos corações se não inclinem a peccados com demasiado comer e beber. » Isto mesmo diz o Apostolo: « Não queirais embebedar-vos com vinho, em o qual está luxuria. »

Mas grandemente com os olhos costuma o animo acender-se em desordenado desejo: ao que pertence aquella sentença de Jesus-Christo Nosso Senho: « Si teu olho te escandalisa, tira-o, e lança-o de ti. » Ha tambem ácerca disto muitos ditos dos Prophetas, como se contêm em Job: « Fiz concerto com meus olhos, para que não cuidasse em donzella. » Finalmente ha muitos exemplos, e quasi sem numero de males que nasceram da vista dos olhos. Assim peccou David, e el-rei de Sichem, e desta maneira tambem delinquiram aquelles velhos, falsos accusadores de Suzana.

§. 11. *Devem-se evitar os enfeites exquisitos nas mulheres, as praticas obscenas e outros incentivos de luxuria.*

Assim mesmo o vestido muito elegante, com que o sentido dos olhos se incita muito, muitas vezes dá grande occasião de incontinencia, pelo que o Ecclesiastico admoesta: « Aparta tua vista da mulher enfeitada. » Assim que como as mulheres se occupam demasiadamente em se ornarem, não será estranho pôr o parocho nisto alguma diligencia, admoestando-as algumas vezes, e reprehendendo-as com as gravissimas palavras, que o Apostolo S. Pedro ácerca disto disse desta maneira: « O ornamento das mulheres não seja exterior, como são cabellos, toucado de ouro, ou vestidos preciosos. » E assim mesmo S. Paulo diz: « Não em cabellos encrespados, ou ouro, ou pedras preciosas, ou vestidura rica: » porque muitas ornadas com ouro e pedras preciosas perderam os ornamentos da alma e do corpo.

A este incitamento de deshonestidade, que costuma proceder do ornamento muito affectado de vestidos, se segue outro, que é o de torpe, e deshonesta pratica: porque com a deshonestidade de palavras, como com fogo posto debaixo, se acendem os animos dos mancebos: as quaes más palavras corrompem os bons costumes, como diz o Apostolo.

E como quer que isto obrem muito as musicas delicadas e brandas, e bailes, destas cousas tambem deve haver resguardo com diligencia.

Nessa conta entram tambem livros escriptos de deshonestidade e amores: os quaes se devem evitar, como as imagens, que representam alguma semelhança de torpeza: porque para torpes deleitações, e acender os animos dos mancebos ha nestas cousas mui grande força. Mas o parocho primeiramente trabalhe, que se guardem mui santamente as determinações sobre estas cousas santa e religiosamente feitas pelo Concilio Tridentino. Si todas estas cousas acima ditas com grande diligencia e cuidado se evitarem, cessa quasi toda a materia de deshonestidade.

§. 12. *A frequencia da confissão e communhão, e o exercicio de outras obras boas é necessario para conseguir a castidade.*

Mas para vencer sua força tem mui grande valia o continuo uso da confissão e Sagrada Communhão. E assim continuas e religiosas orações a Deos juntas com esmolas e jejum: porque a castidade é dom de Deos, que não nega aos que o bem pedem: nem consente que sejamos tentados além do que podemos.

§. 13. *Quem deseja alcançar a castidade deve domar o corpo.*

E o corpo deve ser exercitado, não sómente com jejuns, e principalmente com os que são ordenados pela Santa Egreja; mas tambem com vigilias e religiosas romarias, e em outros generos de afflicções: e se devem refrear os apetites dos sentidos: porque em estas e outras semelhantes cousas se vê mui clara a virtude da temperança. E neste sentido escreveu S. Paulo aos de Corintho assim: « Todo aquelle que entra em combate, se abstem de todas as cousas: e estes para que recebam corôa temporal; mas nós corôa perpetua. » E um pouco adiante diz: « Castigo meu corpo, e o ponho em servidão; porque pregando aos outros, não aconteça que eu mesmo seja feito reprobo. » E em outra parte diz: « Não cureis de vossa carne em satisfazer-lhe os desejos. »

O APOSTOLO

Rio, 22 de Setembro de 1872.

Já lá vão as eleições.

Só passados quatro annos, si conveniencias politicas não aconselharem o contrario, serão de novo convocados os cidadãos para exercerem a soberania, que a moderna civilisação lhes outorgou.

Não esperemos porém que novas scenas de escandalo e de sacrilegios venham amargurar-nos o coração.

Provoquemos desde já a grande questão de remover dos templos as eleições primarias, procurando com isto remediar esses desatinos que se repetem sempre nas reuniões populares.

Somos os primeiros a admirar a intenção do legislador, quando determinou que as eleições fossem feitas nas egrejas; teve, não ha duvidar, em vista conter as paixões em evolução, pelo sentimento religioso, que deve inspirar a casa do Senhor.

Infelizmente porém a experiencia veio demonstrar uma verdade,—a falta de educação religiosa no povo é a causa de grandes desgraças.

Effectivamente assim tem sido entre nós.

Si nos tivessemss dedicado com todo o esmero á educação do povo, cuidando de formar-lhe o coração, innoculando ahi as idéas de justiça e de verdade, que devem dominar todos seus actos, indubitavelmente não teriamos de lamentar as scenas de horror de nossas eleições.

Não teriamos de lamentar a denudação dos templos, a interrupção dos actos religiosos com prejuizo espiritual dos fieis.

Evitar-se-hia esse aparato de força e independencia brutal tão alheia á casa de Deos.

FOLHETIM DO APOSTOLO

A LEI DE DEOS

NONO MANDAMENTO

—

NÃO DESEJARÁS A MULHER DE TEU PROXIMO

AS TRES MÃIS

III.

Chegou finalmente o dia do casamento, e passou-se no meio de uma alegria sem exemplo. O jantar foi abundante e opiparo como nunca até alli se tinha saboreado na aldêa desde a sua fundação.

Occupava a cabeceira da mesa o Sr. Cura, entre os noivos, que se esmeravam á porfia em prodigalisar-lhe obsequios. Ao baile concorreu quasi todo lugar.

O Sr. Cura estimava muito, não só os noivos, senão os pais delles João, sobre tudo, era o seu predilecto pelo optimo caracter e galhardia.

Casta, quando voltou da egreja, despio seu vestido branco e vestio outro de indiana azul com flôres brancas: os brincos de prata e pedras preciosas que lhe pendiam das orelhas deslumbravam a vista com o seu brilho e formosura.

Adornava-lhe o pescoço um bellissimo collar das mesmas pedras formando pequenas estrellas enlaçadas, e tanto este como os pendentes eram dadivas da irmã do Sr. Cura, senhora viuva e rica, que vivia com elle, e foi a madrinha do casamento.

A casa estava cheia de gente; viam-se lá as mais bonitas donzellas, duas ou tres aldeãs visinhas, que tinham concorrido á festa; os mancebos mais gentis ostentavam seus ricos trajos de lavradores, emquanto as pessoas menos abastadas tinham tirado do fundo da arca as suas mais apreciadas gallas; as mãis, quasi todas vestidas de preto, felicitavam cordialmente os pais dos noivos, e muitos meninos com o seu fatinho de festa conversavam e brincavam alegremente junto de uma janella.

Vamos ouvil-os, meus caros leitores, e por elles saberemos o que occorre na cozinha.

— Que banquete vamos ter! dizia lambendo os beiços Mannelinho, rapazito de oito annos, e mui guloso; vi sobre uma mesa dous pratos de doce d'ovos maiores do que aquella banca.

— E eu vi na cozinha, accrescentava Paquito, que teria nove annos, dous enormes perús assados.

— Para que vais á cozinha, meu glotão? lhe dizia Rita, que era uma *respeitavel matrona* irmã de Paquito, e vestia uma saia encarnada, com *corpete* azul.

— Porque? Porque quero!

— Pois hei de dizel-o á mãi.

— E ella não fará caso, porque nos dias de casamento cada qual faz o que quer.

— Eu tambem vi umas empadas de atum! dizia Joanninha, pequenita de seis annos e irmã dos dous procedentes.

— Pois doces e bolos.... não digo nada! accrescenta Mariquinhas, irmã de Thomaz, que teria uns cinco annos, e se havia envolvido entre aquelle rancho infantil com a sua sainha remendada.

— Hoje, sim, hoje não comemos batatas e pão de rala; hei de fartar-me de bons bocados! disse Calixto, irmão tambem de Thomaz.

— Batatas e pão de rala! Só isto?! exclamaram admirados tres ou quatro meninos filhos de pais mais ou menos abastados.

— Nada mais, disse Mariquinhas; nosso irmão trabalha para nos alimentar, para nos vestir e pagar a casa, e minha mãi diz que o que Thomaz ganha não chega para mais.

— Por isso elle tanto lamenta não ter casado com Casta, respondeu Calixto.

— E tambem porque o meu Thomaz queria-lhe muito, accrescentou Mariquinhas com aquella ligereza peculiar dos meninos entromettidos e garrulos.

— Pois eu, observou Joanninha, ouvi dizer a tua mãi quando antes de anoitecer conversava com a minha em nossa casa, que Thomaz estava desesperado com o casamento de Casta com o Gathardo por ambos os motivos ao mesmo tempo; e que ella estimava tambem a Casta porque era muito bonita e tambem porque esse casamento faria a todos felizes. Eu já estava recolhida, mas fingi que dormia e ouvi tudo que disseram.

— Pois então, talvez por isso hontem adoecesse meu irmão, disse Calixto; minha mãi não faz senão chorar: não é verdade, Mariquinhas?

— E' verdade, respondeu esta tristemente; a mãi chora muito, e de vez emquando diz a Thomaz,—consola-te, filho; já não ha remedio;—: e Thomaz volta a cara para a parede e diz gritando:—sei que o ha, e eu o procurarei.

Aqui chegava a conversa dos rapazinhos, quando dous mancebos, que deveriam servir á mesa, puzeram nella a sopa; ao vel-a foram occupar os lugares na mesa, que o Sr. Francisco tinha destinado para elles de antemão.

A despeito da antipathia que o pai de João tinha a Thomaz, accommodou seus pequenos irmãos com a mesma paternal solicitude, que prodigalisou aos outros, porque, como elle dizia, nenhuma culpa tinham aquellas crianças das faltas de seu irmão.

Concluido o jantar começou de novo o baile, que durou até a hora do terço. Então todos se dirigiram á egreja; e quando sahiram della, despediram-se diversas pessoas, voltando á casa sómente as duas familias dos noivos, e os seus mais intimos amigos, depois de acompanharem á sua habitação o Sr. Cura e sua irmã.

Apenas chegaram á casa do Sr. Simão, recomeçaram uns a dança, outros puzeram-se a jogar, e as mãis foram dispôr a ceia. Esta terminou á meia noite, e então todos que a ella tinham assistido foram acompanhar os noivos a casa do Sr. Francisco.

Simão e Agostinha regressaram á sua casa

Evitar-se-hia o pugilato, e seus resultados: as vozerias atroadoras que tão incompativeis são com a gravidade e silencio da casa do Senhor.

Evitar-se-hia o derramamento de sangue no templo sagrado, consequencia necessaria das trapaças, alicantinas, e latrocinios que constituem as eleições entre um povo ignorante, dirigido por governos que antepõe o dever de conservar illesa a dignidade nacional, ao prazer que lhe ha de causar um triumpho material, embora ignominioso.

Vencer é seu fim; os meios servem todos, logo que dêem em resultado o poder.

Emquanto dominarem estes principios, nunca haverá verdade e sinceridade na eleição.

E a continuar este systema, ai de nós, ai da nação!

Nossas vidas estarão sempre á disposição do punhal do sicario, que em taes occasiões só attende ao dinheiro que recebe, e á voz do *Capanga-chefe* que o dirige, a quem não póde agradar o voto do cidadão honesto e educado, que não se sujeita á combinações criminosas no exercicio do direito sagrado, que lhe dá a constituição do Imperio.

A nação, essa ver-se-ha definhar pouco a pouco, e receberá o ultimo golpe, quando a taça da corrupção tiver transbordado.

Mas não deixemos que as forças de uma nação até agora amparada pela Providencia, não obstante os botes brutaes que lhe tem dado e vão dando os *livres pensadores*, se esgotem, e fique por cumprir a grande missão, que lhe está reservada.

Clamemos perante esses simulacros de governos, que passam entre nós, como passam as estações, sem nos deixarem seus beneficios, por medidas que ponham termo a essas saturnaes, a que nos obrigam assistir contra nossa vontade e repugnancia de nossa consciencia.

No correr de quatro annos ha tempo bastante para pensar-se em remediar este mal, que conta meio seculo de existencia; e para vergonha nossa, meio seculo de mentira constitucional a muitos respeitos, e sobretudo a respeito de eleições, onde ha tudo, excepto verdade e sinceridade.

Sejamos alguma vez homens de vontade, e mostremos nossa sinceridade, estudando e executando os meios que nos livrem dos horrores de sangue e da trapaça, que obrigados pela lei contemplamos na casa do Senhor, de cuja boca purissima sahiram estas palavras: *Domus mea, domus orationis est. Vos autem fecistis eam speluncm latronum.*

NEGOCIOS ECCLESIASTICOS

Ministerio do Imperio

Em 11 do corrente:

Outorgou-se beneplacito aos breves da Nunciatura Apostolica impetrados por José Julião Ribeiro de Castro para celebração de missa durante sua vida, salvos os direitos parochiaes, no oratorio de sua fazenda denominada Queimados, sita á freguezia de S. Salvador de Campos, provincia do Rio de Janeiro; e por Francisco Antonio de Oliveira e Anna Maria da Conceição para dispensa de impedimento matrimonial.

—Concedeu-se licença a Manoel Pedro Maciel e Maria Ferreira de Lemos para impetrarem da Nunciatura Apostolica breve de dispensa do impedimento matrimonial.

Em 12 declarou-se:

Ao Governador do bispado de S. Pedro do Rio Grande do Sul que, foram approvadas as nomeações dos sacerdotes estrangeiros Antonio Monaco, Antonio Fortunato e Guilherme Feldhaus, o 1º para servir como Vigario encommendado da freguezia de S. Francisco de Assis, o 2º e o 3º para continuarem a exercer esse cargo nas freguezias de Santo Angelo e de Nossa Senhora da Conceição da cidade de S. Leopoldo.—Communicou-se ao ministerio da fazenda.

—Concedeu-se licença a Francisco Antonio Furtado de Mendonça e Senhorinha Maria de Jesus Mendonça para impetrarem da Nunciatura Apostolica breve de dispensa do impedimento matrimonial.

—Requisitou-se do ministerio da fazenda expedição de ordem para serem incluidos em folha os padres João Ferreira Goulart, Manoel Cordeiro dos Santos, Damaso do Rego Barros, e José Marcellino do Valle, nomeados, os tres primeiros para continuarem a servir de Vigarios encommendados das freguezias de S. Gonçalo de Nictheroy, de Nossa Senhora das Dôres de Pirahy, e de Santa Cruz dos Mendes, provincia do Rio de Janeiro, e o ultimo para continuar a servir de coadjuctor da freguezia de Santo Antonio desta côrte.

Em 13 concedeu-se a Olympio Gomes de Aguiar e Eginia Dias de Aguiar para impetrarem da Nunciatura Apostolica breve de dispensa de impedimento matrimonial.

Em 14 concedeu-se licença ao Bispo da diocese do Maranhão para ausentar-se de sua diocese, afim de tratar de sua saude onde lhe convier.

Em 16 concedeu-se licença a Julio Francisco Pereira e Maria Capdida da Costa Pereira para impetrarem da Nunciatura Apostolica breve de dispensa matrimonial.

NOTICIAS DIVERSAS

O BISPO DE PALENCIA E O REI DE HESPANHA.—POPULARIDADE DO REI AMADEU.—Diz *El Norte de Castilla* que o rei Amadeu de Saboia ao chegar á Palencia não encontrou quem o hospedasse. Todos se negaram a recebel o em casa, *pretextando razões de alta delicadesa*; nem lhe facultaram carros para conduzil-o. Mostrando desejos de hospedar-se no palacio de um antigo senador hespanhol, este recusou seu palacio, allegando não ser digno de tão alto personagem. Mais generoso do que todos elles foi o Bispo de Palencia, que poz seu palacio á disposição do rei Amadeu.

Si Monsenhor João Losano, Bispo de Palencia, não tivesse posto de parte seus principios e suas convicções para ser cavalheiro, não teria Amadeu achado casa para descansar em terras de seu reino.

A *Regeneration* de Madrid de 21 de Julho trasladando a noticia do *Norte di Castilla*, de que em Valladolid não quizeram vender o necessario para o jantar do rei Amadeu, diz: « Ainda que seja de bem recente data saber aqui ler, comtudo nunca se leu cousa semelhante. Pelo contrario, tem todos lido que os Bispos e os Papas muitas vezes receberam os reis em suas proprias casas, sobretudo os reis desgraçados sem abrigo em seus reinos. Amadeu tem na historia de sua casa factos deste genero, Carlos Emmanuel IV e Victor Emmanuel I, expulsos de seus palacios de Turim, foram recebidos pelo Papa em Roma. Pio VII preferio o degredo a expulsar de Roma os representantes do rei da Sardenha, como exigia Napoleão I. »

Hoje como é tratado o Papa pelos descendentes da casa de Saboia?

ORIGINALIDADES MODERNAS.— Na correspondencia particular de Paris para a *Unità Cattolica* lê-se: — Um jornal daqui faz as seguintes observações que é importantissimo registrar. Quantos catholicos ha em França? 35 milhões. Quantos Israelitas tem? 70,000. Sendo a republica o governo da maioria, donde devem sahir os chefes do ministerio dos cultos? Dos catholicos naturalmente.—Muito bem, eis o erro. No anno da graça 1872 a composição do gabinete é a seguinte: *ministro dos cultos* Julio Simon, israelita, mahometano ou protestante, ou tudo que queiram, nunca catholico. *Chefe do gabinete* Eugenio Manuel, israelita, (autor dos *Ouvriers*). *Secretario particular* Léon Cohn, israelita. E querem estes minstros rever as *Bullas do Papa* que nomeiam os Bispos francezes!

OBSERVAÇÕES DE UM ALLEMÃO A PROPOSITO DE PIO IX.—Trasladamos, diz a *Unità Cattolica*, do jornal *L'ami du Peuple* as seguintes curiosissimas observações acerca das principaes épocas da vida do nosso Santo Padre Pio IX: « Pio IX nasceu em 1792, a somma destes quatro algarismos é 19.—Recebeu o Presbyterato em 1819, sommados estes quatro algarismos dão 19. Foi eleito Papa em 1846, feita a mesma operação é o resultado 19.—Ora si sommardes os quatro algarismos de 1873 obtereis ainda 19. (*Kirched Zeitung* di Soleur.) Nas obras da veneravel Maria Taigi e Maria Lataste, o anno de 1873 assignala o triumpho do Papado. A estas mysteriosas combinações, diz a *Vespa* de Florença se póde ajuntar a seguinte que recebemos de um nosso assignante. De 1792, anno em que nasceu, a 1819, em que se ordenou, decorrem 27 annos, de 1819 a 1846 anno em que subio ao Pontificado, decorrem 27 annos; de 1846 a 1873, ha igualmente 27 annos. A somma destas differenças prefaz a idade de Pio IX no anno de 1873, isto é, 81 annos.—Permitta Deos que 1873 seja o anno do triumpho de Pio IX, da paz para a familia catholica, e em o qual possamos, como em outras vezes cantar com a nossa Santa Mãi, a Egreja:—*Desiderium peccatorum peribit.*

ROMA.—Diz o *Univers* que o Santo Padre dignou-se receber no dia 6 de Agosto os discipulos do collegio Clementino e aos Revms. Padres Sosmasques, directores deste collegio. Um dos discipulos recitou uma graciosa poesia e outro offereceu o obolo de amor filial em nome de seus condiscipulos.

O Santo Padre respondeu com palavras cheias de bondade e os abençoou.

PERSEGUIÇÃO.—Não está reservada só á Prussia, diz o *Univers*, a gloria de perseguir os religiosos.

Trinta e nove franciscanos e dominicanos, expulsos da Guatimala, chegaram a S. Francisco. Foram banidos pelo presidente Granados, sob pretexto de serem hostis ao pessoal do governo da republica.

A 7 de Junho, sem tempo para se prepararem, foram escoltados até o *Sacramento* e nelle transportados para S. Francisco, privados de tudo.

O Arcebispo, Monsenhor Alemany, e os religiosos residentes na costa do Pacifico, correram em auxilio dos infelizes, entre os quaes se acha o fundador das Missões na Guatimala, um veneravel ancião de 82 annos.

RECORDAÇÃO DA INFANCIA.—Lê se na *Boa-Nova* do Pará:

Durante o retiro pastoral em Nimes, Monsenhor Plantier, um dos mais doutos prelados francezes, recommendava aos parochos estudassem a vocação dos meninos, que apresentassem melhores disposições para o sacerdocio. « Podereis por ahi, disse o sabio Bispo, prestar á Egreja e ás almas grandes serviços. Si Deos não houvesse inspirado ao bom parocho de minha freguezia o zelo de favorecer meus primeiros estudos, o filho do jardineiro de S. Cyr não seria hoje vosso Bispo. » Ao dizer estas palavras, o Bispo pôz-se a chorar, emquanto enthusiasticos applausos mostraram que todo o seu clero associava-se á esse nobre testemunho de gratidão.

DESACATO NAS EGREJAS.— A egreja de Santa Anna foi infelizmente, por occasião do pleito eleitoral, profanada, bem como a sacristia dos Pontificaes na Cathedral.

No *Mojú* foi tambem profanada a egreja.

Lamentaveis e dignos de maior censura são por certo semelhantes factos, e mostram que os que os praticaram, ou para elles concorreram, desconhecem os principios comesinhos da fé catholica.

Isto mostra tambem de modo evidente a inconveniencia da continuação do processo eleitoral no recinto das egrejas tal ao menos como hoje se pratica.

Estas desordens frequentes, ferimentos, espancamentos, estão indicando que os sacerdotes não deveriam tomar parte immediata no pleito eleitoral, porque arriscam-se a ser desrespeitados publicamente, como ainda a pactuarem com injustiças e manejos pouco decentes.

Como, porém, não ha regulamento diocesano a tal respeito, nos contentamos com dizer aos sacerdotes que não devem apparecer nunca em negocios em que a justiça e a honestidade sejam postas em duvida.

NOSSA SENHORA DA PENHA.—No domingo, primeiro do corrente, teve lugar a festa de Nossa Senhora da Penha, que annualmente, e sempre com a maior pompa e esplendor, costumam fazer os Rvds. Padres Capuchinhos desta cidade.

As difficuldades de toda a ordem, com que lutam estes incansaveis lidadores do Catholicismo, difficuldades oriundas da grandiosa obra em que estão empenhados construindo um vastissimo templo, não os impediram de ainda desta vez prestarem á sua Excelsa Padroeira o culto annuo, que tão amorosamente lhe rendem.

Foi numerossima a multidão de fieis, que durante o dia e de noite affluiram ao templo provisorio, em que actualmente os Rvds. Capuchinhos celebram os officios divinos, e todos que ali foram voltaram maravilhados e bemdizendo os valentes esforços, com que aquelles apostolicos varões tem sempre mantido entre nós, e bem acceso, o candeeiro da fé.

Oraram ao Evangelho o Rvd. Fr. Venancio de Ferrara, vice-commissario geral e prefeito do Horpicio, e ao *Te-Deum* á noite o Rvd. vice-prefeito Fr. Fidelis de Fognano, desempenhando ambos magistralmente o assumpto que haviam escolhido e era proprio do dia e do auditorio.

A mesa eucharistica foi frequentada por mais de quinhentas pessoas, que no maior recolhimento apresentaram-se a receber o pão dos anjos, o alimento divino, cujos preciosissimos effeitos os homens materiaes não podem comprehender: *animalis homo non percipit ea quæ sunt Dei.*

Os Rvds. Padres Capuchinhos, que não trabalham senão pelo Céo e para o Céo, nenhuma recompensa mais agradavel poderiam obter actualmente para os seus inexcediveis esforços em prol da causa da religião, que o auxilio de todos, para a conclusão da magestosa obra que emprehenderam, e que ha de attestar um dia aos vindouros a religiosidade da geração presente.

Esta divida de gratidão e amor não pesa sómente sobre os habitantes de Pernambuco, mas tambem sobre todos os Braziletros; porque a todos elles approveitam os relevantes serviços prestados por aquelles Rvds. Padres. Os nossos votos são para que cada um de nós concorra com aquelle contigente, que estiver na medida de suas forças.

VINTE E SEIS MISSIONARIOS CRUCIFICADOS.—Por carta de Manila teve-se em Hespanha noticia de um crime horrivel Foram crucificados em umas florestas da China vinte e seis missionarios filipinos que foram colhidos pelos naturaes. Quasi todos elles tinham sahido dos conventos de Valhadolid e Ocana ha poucos annos. Dos vinte e seis crucificados em arvores, só se salvaram dous a quem ainda não tinham dado o golpe final. Deveram a salvação ao apparecimento inesperado de um destacamento de tropa ingleza que pôz em fuga os verdugos, tirou das arvores os dous infelizes, sendo um delles o autor da carta donde se tiraram estes apontamentos.

JAPÃO.—Diz o *Univers*, fallando da perseguição religiosa do Japão, que dos 3,000 christãos que estão presos desde 1870, só tiveram liberdade alguns que apostataram. Diz mais que já morreram 1,000 dentro das prisões e que os 2,000 que sobreviveram ainda pouco menos estão que agonisantes.

TRANSCRIPÇÃO

A maçonaria e o Sr. Bispo Diocesano.

V.

Desnudada e franca revela-se a tendencia desta sociedade no discurso de Dupontés, inserto na Encyclopedica maçonica, que diz ser ella principio de exame, vigor de critica, que exclue o dogma por contrario á natureza. Quando o mysterio se levanta ante a razão, deve esta humiliar-se; só Deos é grande e toda a grandeza da terra é prostrada pela morte, que põe o orgulho na rasia da humildade.

Era imbuido naquellas doutrinas, que o duque Ernesto de Saxe-Coburgo exclamava no seu discurso recitado depois da iniciação: A Egreja cria crentes, a loja homens racionaes e livres.

A liberdade de pensamento e de consciencia, tal a legenda do labaro maçonico, destinado á conquista do mundo, labaro que se levanta em opposição á cruz, que limita a liberdade e põe a consciencia na dependencia de Deos, a quem se referem em ultima instancia todas as acções dos homens.

Como os Judeus tinham o monopolio da religião, quer hoje a maçonaria o monopolio religioso que envolve o politico, e intolerante por elle é tambem egoista por suppor em seu gremio o primado da sabedoria, o conhecimento dos meios que hão de mudar a face da civilisação hodierna, ligar os homens pela liberdade, erguel-os assim nobilitados ao seio da Divindade.

Desconhece a historia das seitas que seguiam pelo magisterio da simples razão e consciencia livre, quem se revê estatico na contemplação desta utopia. A liberdade que tanto preconisam as lojas, o seu pantheismo ou naturalismo já rasgaram clara scisão nas suas unidas fileiras.

Não sou eu quem o diz, é o cidadão Bhudal, o visitador do Oriente de New-York, ás lojas européas e sul americanas. Segundo relata elle, está quebrado o laço de unidade que fazia o musculo poder da associação. Os orientes discordam nos meios por divergirem nos fins, e fazem obra por conta propria segundo o seu objectivo.... A sua força converte-se em fraqueza, a clava em que se apoiava é o instrumento da sua ruina e decadencia. Secreta até a impenetrabilidade quando erão os adeptos escolhidos pelas arrhas que de si davam, como o duque de Orleans, o Egalité; tornou-se um tanto conhecida com a admissão dos livres pensadores, os homens da liberdade illimitada.

Nada ha occulto que se não venha a saber. Os desejos dos mais ardentes e cupidos de mando e dominio deram como vocação decidida o excitamento da curiosidade. As lojas regorgitaram de pessoal, mas foram depauperadas em força; o sangue novo não era tão inflammavel, que puzesse por acção e obra « desiderata » do velho sangue, « a reforma socia pelo racionalismo, pelo naturalismo, » e antes que se unjam os amoucos da maçonaria, será prostrado na inexequibilidade o seu segredo.

Agora a batalha é campal, o ponto atacavel é conhecido, e embora demorado, o successo não será duvidoso. O jesuitismo é ataque simulado, é bombardeio nas avançadas, mas o ataque geral converge ao centro, « á doutrina da Egreja, ao seu ensino; » e pois a estrategia falhou, a batalha é campal por consequencia.

E se isto não é assim, diga-se-me a razão por que a imprensa maçonica do Imperio ataca sempre o mesmo ponto, a autoridade da Egreja em si ou na pessoa de seus dignatarios.

Se isto não é assim, como explicar a propaganda, que voz em grita diz: « A religião desfigurada, profanada pelos padres, deve ser elevada á altura da moral universal?» (*Umanitario*, jornal do G. O. de Palermo, anno 2º, n. 10, pag. 3.) Para os defensores da Egreja a lei suprema da verdade, a que não póde eximir-se a consciencia, é Deos; para os luctadores maçonicos, esta lei, esta verdade é immamente na lei nacional e ratural da humanidade.

Não assignalam, não podem provar o seu asserto, e sobre um erro de facto, e um erro de principio assestam as metralhadoras; e fazendo fogo ao vacuo, não vêm que lhes está cortada a retaguarda e tem nos flancos a derrota. Não me faço cargo agora de resumir as bases constitutivas da religião maçonica, professadas por varios orientes da França, Italia e Hollanda; basta para o meu fim, o pouco que transcrevi, basta isso para formular segundo a arte um dilemma, a que peço solução. Se a existencia de Deos é crença livre, como póde ser ella principio fundamental da maçonaria? E se é principio fundamental, como póde ser livre a sua crença?...

Deos inspirou-nos o modo de lhe rendermos culto, quer elle ser amado como merece. Póde o homem render-lhe um culto seu, amal-o como lhe aprouver?

Creio que não. Espaçosas erão as estancias do templo de Salomão, mas iam-se apertando mais e mais quanto mais proximas do *Sancto Sanctorum*.

Apertados são os caminhos da perfeição; quanto mais proximo de Deos, mais conforme deve ser o homem com a sua vontade, con-

---

com as lagrimas nos olhos: já não dormia debaixo do mesmo tecto aquella filha unica e tão querida, aquella filha, que era a delicia da sua tão proxima velhice.

Comtudo ambos se consolaram com a idéa de a ter tão perto e com a certeza da feliz sorte que o céo lhe havia deparado.

IV.

Tres mezes decorreram mui felizes para os noivos e seus pais; todas as manhãs iam ao campo juntos os Srs. Francisco e Simeão com o esposo de Casta: esta, e a Sra. Estephania ficavam arranjando a casa, e depois iam fazer companhia á Sra. Agostinha, ou esta as procurava; as duas boas mulheres queriam-se como irmãs, e amavam Casta tanto quanto a João.

Quasi todos os dias iam jantar ao campo com os homens, e á noite passavam o serão em familia: as duas mãis fiando, e Casta cosendo indistinctamente a roupa de todos, e os homens esquecendo com o cigarro e com a conversação as fadigas do dia.

Até *Pomba* se havia tornado commum entre elles: a formosa e corpolenta rafeira dirigia-se á casa do Sr. Francisco em busca de Casta, que a enchia de caricias, e levava á cozinha, e lhe dava abundantemente de comer, ainda que nem sempre tinha vontade.

Quando João ia só ao campo, dava um silvo á porta de seu sogro, e *Pomba* sahia correndo e acompanhava-o pulando de prazer.

Um dia, em que seus pais iam trabalhar n'uma das terras de trigo com alguns jornaleiros, foi João regar uma horta proximo da aldêa. *Pomba* vacillou, mas finalmente decidio-se a seguir João, como se adivinhasse que Casta havia de ir vel-o.

João e *Pomba* sahiam apressadamente da aldêa; e á sahida viram os dous irmãos de Thomaz apanhando estrume.

— Olá, Calixto, Mariquinhas, vinde cá, disse João alegremente: e lembrando-se que os dous pequenos talvez tivessem fome, tirou do alforge e deu-lhes um pedaço de pão de trigo e uma fatia de presunto.

— Deos lhe pague, Sr. João! exclamou Mariquinhas com as lagrimas nos olhos; tinha tanta fome!...

— Pobres crianças! disse João, cujos olhos de azeviche se humedeceram tambem; á noite ide á minha casa, e Casta dar-vos-ha um requeijão dos que hontem fez.

— Esse, disse Calixto, ha de ser para minha mãi

— E para Thomaz, accrescentou a irmã.

— Nem por pensamento, exclamou o pequeno: lembro-me muito bem ainda da surra, que me deu hontem á noite.

— Deu-te uma surra? perguntou João; e por que motivo?

— Por nenhum: para desaffogar o seu máo humor: lembrou-se de dizer que eu tinha colhido pouco estrume, e foi justamente o dia, em que levei mais para casa.

— E agora está melhor?

— Sim, senhor, respondeu a irmã de Thomaz; hoje já foi trabalhar no campo.

— Eia, adeos, boas creaturinhas, disse João; não vos esqueçais de ir esta noite buscar o requeijão.

Calixto approximou-se então mais do Galhardo, e agarrando-se a um dos braços delle, disse-lhe em voz baixa:

— Evite encontrar-se com Thomaz, Sr. João.

—Porque? exclamou este um tanto admirado.

—Porque.... porque.... gaguejou confuso o rapazinho.

— Vamos, dize porque?

— Porque eu durmo com elle, e esta noite sonhando ouvi-lhe dizer: —Casta, amanhã collocarei o teu marido onde o não tornes a ver.

— E quem faz caso do que se diz a sonhar! pensou João, que todavia tinha ficado um pouco receioso; mas tornando logo a si, despedio-se dos pequenos e continuou o seu caminho precedido de *Pomba*, que ora corria, ora pulava alegremente.

A cadella estacou de improviso com o pello do lombo eriçado e rosnando surdamente.

João apressou o passo, e vio logo Thomaz, junto do tronco de uma arvore, e immovel.

Apenas vio o Galhardo fez um movimento hostil; mas *Pomba* não lhe deu tempo para avançar; precipitou-se sobre elle, ladrando furiosamente, posto que sem morder.

Thomaz então arrancou de uma enorme navalha, e cravou-a no costado do nobre animal, que cahio dando um lastimoso gemido, e pregou os olhos no dono.

Diante de tão deshumano acto, João empallideceu, e empunhando a enxada, que levava ao hombro para trabalhar, descarregou-a com violencia sobre a cabeça de Thomaz.

Este perdeu o equilibrio, e cahio banhado em sangue.

João ajoelhou junto da rafeira, e não póde ver tres homens, que sahindo d'entre o arvoredo, que lhe ficava a um dos lados, tomaram o caminho da aldêa.

Poucos instantes depois chegou ao sitio da castatrophe o alcaide com alguns esbirros, os quaes levaram Thomaz a sua casa, e João á cadêa de Burgos, para se lhe instaurar o competente processo.

Quando João passava pela aldêa sahia Casta com sua mãi para irem jantar com elle.

— Aonde vais desse modo, João? exclamou Casta vendo-o manchado de sangue, e sem comprehender ainda toda a extensão da sua desgraça.

— Aonde vai, meu filho? gritou Agostinha angustiosamente.

— Vai, respondeu brutalmente um dos aguazis, primo de Thomaz, vai pelo menos degradado por dez annos.

Casta soltou uma gargalhada insensata ao ouvir aquellas palavras.

A infeliz tinha enlouquecido!

— Mãi, disse João, arrastado pelos deshumanos guardas: não abandone essa desgraçada; console meus pais, e mande buscar o corpo da pobre *Pomba* que está morta no campo.

(Continúa.)

signada nos seus mandamentos, e mantida pela Egreja, em questão de fé, *ser ou não ser*: não póde dispor o racionalismo, daquillo que Deos pôz em ordem á salvação.

A Egreja é a depositaria e guarda da fé, que lhe foi confiada pelo Divino Mestre; é ella que tem o encargo e missão de preparar os homens pelo conhecimento de Deos á sua posse, isto é, pela verdade á suprema felicidade.

Vendo pois ella o erro nas sociedades secretas, condemnou-as, exercitando assim a caridade para com os filhos tresmalhados de aprisco salvador. A verdade tem força irresistivel; é ella que robustece as resoluções profundas que fazem um *Non possumus* pear de honra um throno de gloria; é ella que suspende da terra os homens de Deos, e sobranceiros ás honras que passam como a torrente, arcam com todos os poderes a ella inimigos, ou chama-se rei ou povo, ou seja Albion e a Russia comprimindo e estrangulando a Irlanda e a Polonia, ou a revolução encinerando os thronos em chammas de petroleo. Toda a aspiração tem limite por mais legitima que seja: além da vontade humana ha uma raia, que nada assoberba, que não é dado ultrapassar.

Se a vida é limitada pela morte, a liberdade pára onde começa a licença, a licença que é a tyrannia no seio da desordem. Livre é o oceano, mas a vaga que submerge possante esquadra desfaz-se em espuma quando investe a praia.

E' imprudencia procurar abalar os alicerces de um edificio, para hostilisar quem o habita. Vingança de Sansão, quem o tentar será sepultado nas ruinas que fizer.

Se fosse possivel, não direi destruir, mas inverter os principios em que se funda a Egreja, estremecêra o mundo ao abalo da inversão... como um ebrio cambaleára aturdido sem ter a que apoiar-se. A revolução tomaria a fórma de Saturno, se alimentaria de sangue dos proprios filhos.

Só em união com a Egreja, se está em unidade com Jesus Christo. Nem ha duvidar disso, que clara e terminantemente se lê em S. João cap. 16: « Eu não rogo somente por elles apostolos e discipulos) mas tambem por aquelles que hão de crer em mim por meio da sua palavra: para que elles sejão todos um, como tu ó Pai o és em mim, e eu em ti, para que tambem elles sejão um em nós e creia o mundo que tu me enviaste... Eu estou nelles, e tu estás em mim para que sejam consummados na unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste. »

Temos, pois, o typo da unidade nas relações do pai com o filho, unidade que repousa sobre um fundamento divino e tem effeitos sobrenaturaes, e pelo qual deve o mundo reconhecer a alta missão de Jesus Christo.

Visivel e sob o dominio dos sentidos, se manifesta ella por uma mesma doutrina, por todas as relações dos discipulos, que por tal não provaria a missão divina do Redemptor.

Não está pois a força da Egreja, a sua liberdade na instabilidade e traidora aura do suffragio universal; não nas ruidosas ovações das turbas, mas na unidade da fé, que dará a seus defensores tribulações e amarguras na terra, mas além, a gloria que não será mareada pelo tripudio dos que se agitam em ambições jámais saciadas.

Não tem pois razão de queixa a maçonaria por condemnal-a a Egreja, que nella condemna o erro, e adverte aos seus adeptos a que voltem ao bom caminho... Os maçons filhos da Egreja pelo baptismo, devem escutar a voz do seu chefe e mestre. Bem pouco era o fructo do paraiso; a desobediencia no entanto ainda em nós produz suas terriveis consequencias.

Quando a vida no tempo encadear, subterrar a morte, escolho fatal em que naufragam todas as miserias; em quanto os espiritos fortes forem fracos contra a morte, mais poderosos que esta não serão os seus intentos. Se são sinceros os maçons, ponham as suas duvidas e ellas serão desfeitas até o convencimento; então conhecerão o seu erro de facto, isto é, que na Egreja de Jesus Christo nada foi alterado. « Nem todo o que me diz Senhor, entrará no meio dos céos: mas sim o que for a vontade de meu Pai, que está nos céos, esse entrará no reino dos céos. » (Math. 7—v. 21). Não basta dizer sou christão, é preciso querer e saber sel-o em espirito de sinceridade e verdade.

Se porém o seu fim é a revolução, a desorganisação fundamental, como deixam entrever em seus discursos os depositarios do temeroso segredo maçonico, então, que se rasgue o vêo que lhe encobre as apparencias, não mais se digam respeitadores e filhos da Egreja, mas os descendentes de Amalec em resistencia ao povo do Senhor.

S. José, 7 de Julho de 1872.

O Vigario, *Francisco Pedro da Cunha.*

COMMUNICADOS

Liberdade de consciencia.

Todos buscam a liberdade de consciencia.

E' um grito universal: ampla liberdade de consciencia, a liberdade de pensar. Mas esta liberdade consiste em guerrear-se a Egreja.

Uns gritam porque achando na Egreja catholica um freio ás suas paixões, querem sahir della para satisfazerem essas paixões; outros gritam sómente porque ouvindo gritar imitam porque acham bonito, e julgam ser isto o caracter da civilisação, sem que comprehendam em que consiste a liberdade da consciencia.

Fóra os obscurantistas (os Padres), grita-se por todas as partes. E' hoje a palavra que serve de assumpto a largos artigos nos jornaes impios.

Irrisão! Mais que isto, sacrilegio!

Não ha duvida, as paixões cegam o homem e o levam a chafurdar-se no mais vergonhoso lodo do materialismo.

E nesse estado, tendo o coração corrompido e embotada a razão, esquece sua origem, e desconhecendo a parte mais sublime de seu ser, não comprehende as contradicções as mais vergonhosas no seu modo de argumentar.

Haverá por ventura maior escarneo lançado ao publico; contradicção mais ridicula do que este grito dos impios: haja liberdade de consciencia! liberdade de pensar!?

E' preciso ser cego, ter perdido a razão para não se ver a contradicção no modo de fallar e obrar a respeito *desta liberdade de consciencia.*

E' preciso não ter conhecimento desta religião santa que professamos, para se deixar illudir por semelhantes palavras, sem que se conheça quanto são ellas perigosas e só capazes de seduzir os ignorantes, os incautos.

Consideremos pois a *liberdade de consciencia* sob o ponto de vista que homens sem consciencia proclamam como dogma, e mostraremos a contradicção.

A *liberdade de consciencia*, segundo taes homens, consiste em que o homem elevando sua razão em autoridade possa admittir sómente o que ella concebe, e seguir então qualquer religião por mais absurda que seja, pois todas são boas e em qualquer poder-se-ha salvar!

E assim poderá quem quizer deixar o catholicismo e abraçar o mahometismo, lutheranismo, etc., onde possa melhor satisfazer suas paixões.

Já se vê, pois, que não ha aqui liberdade de consciencia, não se deixa o catholicismo, não porque seja elle contrario á razão ou se conheça ser falso, não; mas porque as outras religiões favorecem as paixões; e para isso se proclama a *liberdade de consciencia.*

E' certamante, muita *liberdade* no pensar; e muito *digno* da razão e facil de se escrever e propagar taes erros nos jornaes impios! E á vista disto deixar-se-ha o povo levar ao abysmo do materialismo?

Não, por certo. Taes homens perdem o tempo.

Se estamos pois no seculo das liberdades, haja tambem a liberdade de se seguir livremente o catholicismo. A crença não se póde impôr, qualquer que ella seja. Assim, pois, não se proclame a liberdade de consciencia; mas só a favor dos máos, emquanto não a ha para seguir-se o catholicismo.

Se não se póde impôr crença, cada um siga a religião que quizer, pois cada um é livre em acarretar com as consequencias e moralidade de suas acções; mas não se prégue a liberdade de consciencia só para o erro, a mentira e religiões falsas, emquanto se guerreia abertamente o catholicismo, esta religião santa que eleva o homem, e procura-se mesmo arrancal-a dos que a beberam com o primeiro leite.

Dê-se a *liberdade de consciencia*; mas deixem-se os catholicos seguir livremente a religião que professam

Respeite-se as crenças. Não venha se com o fim de guerrear a Egreja, prégar-se as mais impias doutrinas debaixo de um zelo diabolico fazendo odioso o catholicismo e seus ministros, attribuindo-lhes os mais degradantes epithetos, como a mais odiosa missão na terra.

Os Padres, os Bispos, o mesmo chefe do catholicismo, são considerados como os maiores obstaculos ao progresso e á civilisação (ao progresso do mal e do erro, o são com effeito.)

Obscurantistas, ignorantes, fanaticos, e mais que tudo homens sanguinarios! são os epithetos com que são mimoseados nos jornaes impios. Bella *liberdade* de consciencia!

Os mais repugnantes erros de historia são publicados, comtanto que se inspire odio ao povo para com as mais integras instituições da Egreja.

Nos escriptos desses *reformadores* modernos conhece-se o odio e rancor contra o catholicismo, e de suas pennas vertem a ira contra os ministros desta religião.

O que ha de mais sagrado na Egreja de Deos é torpemente profanado nas columnas dos mais impios jornaes, e tudo isto debaixo do nome de *liberdade* de consciencia.

Estultos! não comprehendeis em que consiste a liberdade de consciencia.

Se desejais, homens loucos, a liberdade de consciencia, vinde buscal-a no seio desta mesma Egreja que guerreais.

Aqui achareis o verdadeiro progresso, luz, civilisação, e a verdadeira liberdade de consciencia. Pois ella ensinando a verdade, prégando a doutrina do seu Divino fundador, instrue o povo e nunca impõe por força a crença, ainda que deseje e empregue os meios para que todos abracem o catholicismo. Não ridicularisa as crenças diversas, posto que falsas, em jornaes, nem em parte alguma. Imitai a liberdade de consciencia da Egreja catholica.

Conhecei, que só o catholicismo tem civilisado os povos, e em seu seio se têm desenvolvido as sciencias, artes e industrias.

E vossa liberdade de consciencia tão decantada é só para o erro e o materialismo; emquanto para seguir-se o catholicismo, a verdadeira religião, ha verdadeira pressão de consciencia.

Nem é mesmo permittido hoje nos nossos dias continuar-se a professar esta religião que se tem recebido no berço.

E é liberdade de consciencia!

Contrasenso! contradicção vergonhosa! Então a liberdade de consciencia é só para aquelles que achando no catholicismo um freio a suas paixões possam sahir do gremio desta religião para que em qualquer outra satisfaçam essas paixões, porém para os que querem viver nesta religião, o catholicismo, tira-se-lhes a liberdade!

Para esses não ha liberdade de consciencia.

Não são por certo com taes meios, com semelhantes doutrinas, que esses asseclas do demonio, emissarios das portas do inferno, essas sentinellas avançadas das sociedades secretas, poderão supplantar a Egreja. Não.

Este modo de proceder é uma verdadeira perseguição contra a Egreja; mas esta perseguição, esta guerra, são uteis ao catholicismo para que elle, obtendo o triumpho, se mostre mais brilhante aos olhos desses mesmos perseguidores modernos, e cada vez mais compacto, forte e mais cheio de vida affronte as iras da *liberdade* de pensar.

Esta perseguição é quasi necessaria á Egreja de Christo, é pois ja no nosso seculo uma das notas por que é ella conhecida.

Seu Divino fundador previo e permittio esta perseguição; e quiz mesmo que fosse continua, mas tambem prometteu estar com ella até o fim dos seculos e garantio que ella nunca seria vencida pelas portas do inferno.

Previo e permittio esta guerra continua, mas sem que fosse vencida, o que concluimos do texto de S. Math. 16. 18.

. . . . *Et portæ inferi non prævalebunt adversus eam.*

E' claro o sentido destas palavras. Vemos que a Egreja seria continuamente perseguida; pois como haveria triumpho sem combate?

Deos promette o triumpho á sua Egreja, logo deve ser guerreada.

Não é só este texto que demonstra esta verdade; temos ainda o texto de S. Lucas. 22. 32. *Ego autem rogavi :...*

Texto que por de mais evidente é por si só capaz de confundir á esses que argumentam de bôa fé.

Pois bem, a perseguição apresenta-se hoje no Brazil contra a Egreja debaixo da capa de liberdade de consciencia; mas ensinada de fórma que consiste em extinguir-se a crença do povo e ensinar-se a liberdade sómente para o erro, a mentira, e o mais torpe materialismo.

Tem-se com effeito liberdade de consciencia para seguir-se todas as seitas as mais absurdas, porem não ha liberdade de consciencia para o catholicismo; dá-se liberdade para o desenvolvimento e progresso de todas as religiões menos porém para o catholicismo.

Se ha pois esta liberdade de consciencia, por que não se permitte a livre missão da Egreja catholica?

Porque se inhibe seus ministros de seu sagrado ministerio?

Se se quer a liberdade de consciencia, ampla como se ensina nos jornaes impios e maçonicos, não se queira privar os catholicos dos actos de sua religião.

Então sim acreditar-se-ha n'esta liberdade de consciencia ensinada por esses *zelosos reformadroes.*

Deixem esses *sabios* que a Egreja catholica, gozando tambem desta liberdade de consciencia consentida a todas as seitas, possa cumprir sua missão neste mundo.

Certos taes homens que sendo a Egreja livre, nem ella nem seus ministros *obscurantistas* os vexarão, visto que elles, apezar do ensino da Egreja e seus ministros, querem livremente seguir as outras religiões falsas.

Do que elles algum dia receberão a devida paga e talvez bem arrependidos.

S.

14 de Agosto de 1872.

A maçonaria e o seu defensor.

Descubro-me ante o *cavalleiro que entra coberto no templo.* E' a mensagem da mediocridade convicta, á illustração que lhe innunda de luz a senda a percorrer.

Bemvindo seja o novo luctador.

Brilha na fronte o fogo da inspiração; palpita-lhe no peito a mais funda e sincera convicção. Não é a desobriga, nem o interesse envolto em deslavada lisonja, quem lhe molha a penna; o dever o perfila, na pugna que vai ferida....

Não arreceie por mim o *antigo maçon*; não valem os meus creditos litterarios os threnos em que os carpe.

Conheço-me por fortuna minha. Sei que sou mediocridade, e por isso jámais pretendi ascender ás posições que são a conquista do merito ou o galardão do talento. A mediocridade despretenciosa não é offensiva, nem prejudicial. Vê pois que despontada veio a mim a setta com que tentava ferir-me.

Se neste certame, que o *antigo maçon* quer deslocar, alguma cousa me anima, é saber que muitas vezes são revellados aos parvulos os segredos denegados aos sabios.

Desta esperança tomo eu forças para defender a verdade metralhada pelo erro, que tomando o saial da caridade, pretende ao influxo do seu nome, desalojar a verdade da altura em que se acha collocada.

Bem fracos erão os de Israel e confundidos foram os temidos e numerosos Cananeos.

Bem forte era Roma, a soberba, a dona dos triumphos; mas tomada por Tacio, humilhada pelos Gallos, aterrada em Heracléa, estremecida por Annibal, acabou dilacerada pelas suas proprias armas.

Quando o inimigo combate, a confiança, céga nos proprios recursos, póde transfrmoar em derrota custosas e brilhantes vantagens. O *antigo maçon* não combateu ainda e já solfeja o seu hymno de gloria?! Digo-lhe aqui á puridade: é cedo... é muito cedo!

Sei que é adestrado na lida da arena do saber humano; estylista de molde a fazer escola, de phrase tersa e arredondada a competir com os classicos; mas por emquanto, bem o decretasse, não provou que seja rasteiro o estylo que diz guindado, gongorico, e ralhador, nem descabidos na lingua os conceitos que por hybridos ha de *talvez* impugnar.

Appareceu para defender a maçonaria, e vai fugindo e me puxando para uma questão de philologia com que cobre a sua retirada.

Veio para contestar as tendencias que lhe attribuo e confirmadas foram pelo seu illustre collega nos artigos a *Maçonaria e o Jesuitismo* e nas suas duas cartas, não mais tem feito que *deformar-me em odioso retrato.* Si não receiasse offender o illustrado maçon, diria que nas suas cartas reveste a intriga a forma da argumentação; não combate a doutrina, tenta comprometter o homem.

Tenho para mim que exerci um acto de caridade, no módo porque me dirigi á maçonaria. Mas ao que parece, esta virtude só é conhecida pelo *antigo maçon* em uma de suas feições. Ella não póde manifestar-se senão por teor uniforme, invariavel, a—mansidão—para não escandalisar o escandalo, para não obstinar o erro, quando deturpe e calumnie a verdade.

Nesses termos, seria a caridade sem cruz, que se envergonhára de a empunhar; mentiria ao seu fim; fôra cumplice do muitos infortunios que tentasse prevenir.

S. Paulo que della fallou como inspirado, e a punha por palavra e exemplo, por dedicação extremosa até o sacrificio, S. Paulo faltou á caridade pela regra do *antigo maçon*, quando no Areopago de Athenas explicou contra o sentir dos sabios daquella casa a famosa legenda :—*Ignoto Deo*

Uns o acreditaram; outros o denunciaram ao senado *chamando homem peste* ao homem revolução da boa nova.

Si elle entre nós apparecesse, o chamariam figura sinistra, fanatico e jesuita.

Chamam-me jesuita agora; ha pouco os maçons da *Republica* chamavam de jesuita ao seu grão-mestre o Sr. Visconde do Rio Branco. Em breve por causa deste nome, terá a maçonaria o seu Sennar depois de sua Babel.

O Vigario, *Francisco Pedro da Cunha.*

S. José, 23 de Julho de 1872.

VARIEDADE

A cruz e a trolha

ROMANCE ALLEMÃO POR CONRADO DE BOLLANDESI (*) 1872.

Levantar-se-hão muitos falsos prophetas e enganarão a muitos.

Math, XXIV. 11.

CAPITULO I.

O QUE OS MAÇÕES DECIDIRAM.

Esta grande casa á entrada da cidade, sobre cujo tecto brilha um globo terrestre dourado, offerece um aspecto agradavel; está pintada a oleo, acha-se no meio de um jardim magnifico, as janellas são de vidro polido, tudo nella sorri, tudo é alegria nos arredores. E entretanto domina um não sei que de mysterioso, de tenebroso sobre este esplendido edificio.

Um muro elevado cerca o jardim; o portão de ferro está sempre fechado; jámais ouve-se nessa casa o metal da voz humana. Raras vezes durante o anno e ainda durante a noite um vai-vem mysterioso interrompe o silencio que nella reina ordinariamente. Carruagens chegam da cidade, param diante da porta, vem-se umas como sombras sahirem das carruagens, o portão abre-se aos recem-chegados e logo se fecha sobre elles. Nem todos os visitadores nocturnos do edificio solitario andam em carro; alguns chegam a pé e a um signal dado batendo de um modo estranho, são introduzidos. Logo que o ultimo desaparece atrás do portão de ferro, vê-se apparecer a luz na renque de janellas do andar superior. Nenhum som quebra o silencio da noite indicando o que alli se passa.

Hoje, um pouco antes de onze horas da noite, o portão de ferro gira a todos momentos sobre os gonzos, para entrar alguem que bate. Ora um só, ora dous juntos, os retardatarios apressam o passo, como se se tratasse de um negocio de importancia e de urgencia. Raras vezes ouve-se proferir uma palavra; todas estas sombras da noite são silenciosas. Os homens mysteriosos caminham apressadamente e com passo seguro pelas veredas tortuosas e obscuras do jardim. Sobem uma escada e desapparecem atrás de differentes portas que se alternam nos dous lados do corredor.

Durante este tempo foi-se accendendo o lustre de muitissimas luzes que na grande sala pende acima de uma longa mesa forrada de panno preto: ao redor da mesa estão dispostas cadeiras de braços. A cadeira do topo da mesa é maior e mais rica que as outras. No centro da mesa está depositada uma pequena caixa de fórma estranha trazendo figuras enigmaticas. Sobre a caixa está posta uma caveira. O tecto da sala é decorado de um sol de raios de ouro cercado de diversas figuras symbolicas. As paredes são igualmente cobertas de pinturas fantasticas, entre as quaes se acham muitas vezes repetidos utensilios de pedreiros: trolhas, martellos, esquadros, compassos, etc., de diverso tamanho. Entre estes symbolos vê-se como um chaos de objectos: pennas gigantescas, espadas cruzadas, livros abertos contendo uma escriptura estranha, um cordeiro deitado tendo uma cruz sobre as costas, colmeias de abelhas muito povoadas, luas, globos terrestres, nuezas em cima de altares flammejantes; etc. Tudo fazia uma impressão indescriptivel: parecia sentir-se a presença dos espiritos de abysmo.

Eis que tres badaladas enchem toda a casa. Differentes portas abrem-se. Lenta e silenciosamente entram quarenta homens. Sem trocar entre si a menor palavra, sem olharem-se, caminham para a mesa forrada de preto, fazem uma pequena inclinação á caixa sobre a qual acha-se a caveira e assentam-se. Cada um delles tem na mão uma trolha e um martello de páo. Todos estão vestidos do mesmo modo. Uma vestimenta sombria cerca-lhes o corpo. Por cima desta vestimenta cada um traz um avantal branco de pelles de fórma antiga. O avantal alongado para o peito é preso ao redor do pescoço por uma correia e ao redor dos rins por meio de uma fivela.

Ainda que todos estes homens tragam o avantal e utensilios de pedreiros, é evidende á primeira vista, que elles não são pedreiros verdadeiros. Seus avantaes limpissimos nem se quer tem salpicos de roboco ou vestigio algum de trabalho.

Suas mãos finas e delicadas, ornadas de anneis de ouro, de maneira alguma não são mãos de pedreiros. Alguns trazem oculos ainda que seus olhos pareçam penetrantes. Seus rostos não estão crestados pelo sol, mas palidos e magros ou rochunchudos e rubicundos. Algumas vezes o avantal forma um bojo acima de um ventre. Porem os magros são mais frequentes que os gordos e todos são de idade assás respeitavel.

Todos estão assentados em silencio ao redor da caixa sobrepujada pela caveira. Uma expectação cheia de curiosidade está pintada em todos os semblantes, mas ninguem tem a confiança de fazer uma pergunta nem de dizer palavra. Ao que parece, é severamente prohibido fallar aqui. Todos estão em suas cadeiras como estatuas, e a assembléa silenciosa está immersa em uma seriedade sepulchral. Todas as cadeiras estão occupadas, excepto a mais ornada. De repente todos levantam-se. Entra o ultimo e o mais elevado em graduação. Tem a vestimenta e o avantal como os outros; mas em seu peito brilha, pendente de uma larga fita, uma grande estrella, insignia de sua dignidade. O homem da estrella toma seu lugar, depois de retribuir com um cabecear apenas perceptivel as inclinações respeitosas dos assistentes. Todos os olhos estão como pendentes de seu olhar, de seus movimentos. Depois, elle toma seu martello, e bate na mesa, signal que todos imitam.

Veneraveis irmãos, diz o chefe, nesta tarde recebi uma ordem muito importante, que me obrigou a chamar-vos logo a esta reunião fraternal, e muito estimo achar-vos em numero. Como veneravel, não posso deixar de louvar o vosso zêlo para os nossos trabalhos. Esse zelo é ao mesmo tempo o abono de vossa actividade infatigavel para o trabalho importante a que são chamados todos os mações nestes dias decisivos.

O veneravel tira um papel de sob o avantal dizendo:

« Escutai, meus veneraveis irmãos, os planos e trabalhos combinados e encommendados por nossa Reverendissima Mãi a Grande Loja nacional. »

A estas palavras toda a assembléa se levanta. O veneravel desdobra o papel, e de vagar e com solemnidade lê:

« A grande loja nacional dos *Tres Sóes* sauda a sua filial do *Globo terrestre.*

« O Papa de Roma e seu Bispo ousáram querer de novo roubar ao governo humano estes doces fructos da humanidade, a intelligencia e a liberdade, que nossa alliança universal tem sabido conquistar por seus combates contra as trevas. O Papa, cego de ambição sem limite, se fez declarar infallivel, fez-se divinisar, para que todo o mundo a elle se submetta, e todas as creaturas lhe fiquem sujeitas. Todas as lojas devem oppor-se a este crime contrario ao tempo, á liberdade e á humanidade, visto terem o dever de combater pela propagação das luzes e da verdade, de trabalhar, padecer, e, si necessario fôr, morrer por ellas Sendo isto assim, levantemo-nos todos para combater contra essa Roma de pestilencia, tão fecunda em crimes, e só a morte seja capaz de nos fazer depôr as armas. Todas as lojas, todas as filiaes de todos os paizes terão de começar os trabalhos contra o Papa infallivel; dever-se-ha continuar com zelo e acabar pela victoria. Mas para que haja unidade de acção, e certeza do bom exito, nós prescrevemos o que se segue:

« 1.° Toda a imprensa quotidiana dependente de nossa ordem terá de inserir incessantemente artigos violentos atacando a infallibilidade papal, e expondo o perigoso desta doutrina para a humanidade livre; terá de repetir isto em todos os tons, até que o idolo do Vaticano seja derribado e espedaçado.

« 2.° Todos os funccionarios que são pedreiros livres terão de empregar neste combate toda a influencia que seus cargos lhes asseguram, pois o juramento maçonico val mais que

(*) Este escripto tem tido na Allemanha um immenso successo. Dá uma idéa do estado dos espiritos neste paiz, e das fórmas que lá toma a controversia entre os christãos e os livres pensadores. Tambem mostra como estes ultimos em sua guerra contra a Egreja acham em toda a parte o apoio das autoridades civis, e que suas doutrinas liberaes vão parar em fazer do Estado o unico e soberano juiz da verdade e da justiça. (Nota da *Revista do Mundo Catholico* de 15 de Abril de 1872).

o juramento do emprego, porquanto obriga para com tudo o que ha mais elevado: as luzes e a verdade.

« 3.º Em todas as cidades, villas e aldêas a agitação contra a infallibilidade pontifical deverá começar sem tardar. A grande massa do povo deve ser posta em movimento contra o Papa e contra sua apotheose. Os meios de produzir esta effervescencia popular são deixados á prudencia de cada filial ou loja, visto que as circumstancias não são as mesmas para todos. E' de toda a necessidade que sejam especialmente observados os padres catholicos, para que o maior numero possivel de ecclesiasticos influentes sejam angariados contra a infallibilidade papal.

« 4.º Em todas as cidades, villas e aldêas farão assignar manifestos ou representações contra a infallibilidade do Papa. Estas representações serão submettidas ao soberano, pedindo protecção contra esta nova doutrina, que põe em perigo a existencia dos Estados.

« Quanto ao mais a grande loja nacional tem confiança que todas as filiaes, e todos os *ateleiros* tomarão séria resolução, e usarão de prudencia, zelo e energia em favor das luzes e da verdade contra essa maldita empreza do Papa de Roma. Cada loja deverá fazer trabalhar sem repouso todos os mestres, irmãos, companheiros e aprendizes; applicar-se-hão a representar o novo dogma debaixo de côres terrificantes afim de o fazerem cahir no abysmo tenebroso donde sahio.

« Em nome da grande loja nacional dos *Tres-Soes*, o GRÃO MESTRE ELIHV.»

Os pedreiros livres tinham escutado as ordens superiores com a mais aturada attenção. Todos os rostos estavam afogueados, todos os olhos scintillavam, e o odio ao Papa era legivel em todos os semblantes. Apenas o Veneravel terminou a leitura, todos os maçons retomaram seu martello, e bateram na mesa com tal violencia que a caveira começou a dansar sobre sua caixa.

Depois, o chefe alçou a trolha. Cessou a barulhada.

—Veneraveis irmãos, disse elle, desde já quizera eu conhecer vossos designios sobre a maneira de que nossa loja ha de começar o combate. Por conseguinte concedo toda a liberdade de expender cada um sua opinião.

Muitos levantaram seu martello simultaneamente.

—Tem a palavra o irmão Jonas, disse o Veneravel.

—Muito Veneravel Pai, veneraveis irmãos, disse Jonas.

Os quatro pontos a que nos obriga nossa mui reverenda mãi, a grande loja nacional, devem antes de tudo receber sua applicação escrupulosa. Aqui o trabalho não será mui difficil, pois em nossa cidade o pequeno numero dos ultramontanos é sem influencia, sem valor. Para uma representação contra a infallibilidade papal não se precisa de agitação. Basta pôl-a em circulação sem preambulos, depois de preparado para isso o publico por alguns artigos energicos em nossas gazetas. E como cada cidade tambem tem sua loja, ahi tambem bastará a influencia que exercem nossos companheiros e nossos aprendizes para assegurar a propaganda dessas representações.

Mas não serão tão faceis as cousas no campo, onde a Egreja catholica ainda é poderosa. Alli convem que sejamos prudentes.

No campo pouco ha que esperar ainda do concurso dos empregados, para não succeder que os paysanos, naturalmente desconfiados, descubram o fio do enredo. Meu parecer é que se dê ao combate um pretexto religioso como já o praticaram com fructo algumas lojas. Em nossa veneravel loja do *Globo terrestre* temos doze irmãos que figuram como catholicos no registro dos baptismos.

Tornem-se estes doze outros tantos apostolos como *velhos catholicos* combatendo a heresia do Papa. Dentre os nossos veneraveis irmãos, aquelles que estão registrados no livro de baptismo dos protestantes só em segredo deverão trabalhar no campo por intermediarios, a fim de que os paysanos não nos digam: « Que se lhes dá aos protestantes de nossos negocios religiosos? » Veneraveis irmãos, minha posição no Estado como prefeito me tem proporcionado occasião de conhecer o paiz e os homens. Os conselhos que vos dou são o resultado das experiencias que tenho feito. Por isso tomo a liberdade de mostrar-vos o caminho que poderemos seguir para alcançar nosso fim entre o povo do campo.

Vós todos conheceis a grande e rica aldêa de *Hattisheim* que é habitada sómente por catholicos de puro sangue.

Se em Hattisheim conseguirmos fazer passar uma representação contra a infallibilidade do Papa, ficai certos que ganharemos o jogo em todas as outras aldeias. Os veneraveis irmãos Jehu e Sinson exercem em Hattisheim uma influencia consideravel. Possam elles envidal-a para este trabalho importante!

Jonas apenas acabava de sentar-se quando Jehu já levantava seu martello. Jehu, homem obeso e rubicundo, de barba ruiva, logo que o Veneravel lhe deu a palavra, levanta-se e diz:

— Muito veneravel Pai, veneraveis irmãos! Com uma satisfação particular trabalharei sim contra esse maldito Papa, alem de que é isso um dever que me impõe meu juramento. Como tenho propriedades consideraveis em Hattisheim, e um certo numero dos habitantes estão sob minha dependencia, penso que meus trabalhos lá teriam um successo tanto maior que eu tambem fui baptizado catholico, e firmado em minha qualidade de catholico poderei tanto melhor atacar a heresia do Papa. Daqui a tres semanas teremos em Hattisheim a festa do mez de Maio. Lá irei nessa occasião com o irmão Sinson. E para melhor apoiar minha actividade, importaria fazer circular aqui desde já representações e igualmente fazêl-as chegar ás aldeias circumvisinhas, onde não se acham senão catholicos liberaes. »

Estas palavas foram acolhidas por todo o auditorio com signaes de assenso. Depois começou uma longa e viva conversação que durou até o amanhecer.

(Continúa.)

Palestras familiares sobre o protestantismo de hoje.

POR MONSENHOR DE SEGUR.

PARTE PRIMEIRA

XXIII.

A RELIGIÃO COMMODA.

Diz-se que é mais commodo ser protestante que catholico, e é verdade; e tambem é mais commodo ceder ás suas paixões do que refreal-as. Unicamente, em materia de religião, não se trata de saber qual é a mais commoda, mas qual é a verdadeira, e que conduz a Deos.

Um pastor tinha conseguido attrahir para a sua seita uma boa mulher que se havia deixado levar a acreditar as affirmações do ministro do Evangelho. Frequentava assiduamente o templo: ia todos os domingos dormir o seu somno durante a prédica; tratava com todo o cuidado a grande Biblia que lhe tinham dado e que ella evitava de abrir com medo de a estragar; n'uma palavra, havia-se tornado uma excellente protestante. Levava mesmo o zelo até ao ponto de fazer-se inscrever no registro da *famosa* sociedade do *Soldo protestante*, e de duas ou tres *sociedades biblicas*.

Passaram-se muitos annos nesta devoção facil, e a boa da mulher todos os dias se felicitava por viver tão tranquillamente, segundo o que o seu pastor chamava o *puro Evangelho*, livre da desagradavel obrigação de se confessar por occasião das grandes festividades, de commungar realmente, de comer peixe á sexta-feira e de obedecer ao seu parocho. No meio desta satisfação *evangelica*, que o pastor e uma devota diaconisa alimentavam com zelo por meio de pequenos presentes, de pequenas brochuras, a pobre creatura foi um dia visitada pela enfermidade. Mandaram-lhe immediatamente um leitor para lhe ler psalmos e passagens de que ella não comprehendia muito, mas que, para dizer a verdade, o zeloso *leitor* tambem não comprehendia muito mais. A doença aggravou-se, e o medico deixou escapar algumas palavras que deram a entender á doente que o seu estado não era nada satisfactorio. Em presença da morte, e lembrando-se do juizo de Deos, a pobre mulher commoveu-se e cahio em si. Percebeu, com aquelle instincto que não engana, que se tinha desviado do verdadeiro caminho, e que tinha abandonado a verdadeira fé. Pedio a uma visinha que fosse sem demora chamar o parocho da freguezia, bom e digno ecclesiastico, que ella tinha conhecido em outro tempo e que a sua deserção tinha verdadeiramente affligido. O padre achou-a lavada em lagrimas, consolou-a o melhor que pôde, e ao mesmo tempo que lhe mostrou a enormidade do seu erro, lembrou-lhe a infinita misericordia de Deos. Depois de ter recebido a confissão de seus peccados, reconciliou-se com Nosso Senhor. Deu-lhe o Sacramento consolador dos que estão para morrer, a Extrema-Uncção, de que lhe havian cusinado a escarnecer, mas cuja importancia e efficacia ella então comprehendia; levou lhe finalmente o sagrado Viatico, esse santissimo e adoravel mysterio, em que Jesus se envolve para descer até nós e fortifica-nos no fim da nossa viagem. A pobre mulher, em paz com Deos e comsigo mesmo, estava feliz, e via depois disso sem receio approximar-se o momento de passar á eternidade. Na noite desse mesmo dia apresentou-se-lhe em casa o pastor protestante; tinha sabido da visita do parocho, e não podia acreditar no que elle chamava « uma vergonhosa deserção, um escandalo para o Evangelho, um retrocesso ás superstições de Babylonia. » Na realidade o que o contrariava mais, era que se havia de fallar disso na visinhança, e que sem duvida se tirariam do facto conclusões desagradaveis para o *puro Evangelho*... e para o amor proprio do Sr. pastor. Censurou com vivacidade a pobre doente, lembrando-lhe com que coragem ella tinha outr'ora abandonado todas essas *momices*, esses erros a que ella nunca devia ter voltado. « Ah! senhor, respondeu a boa mulher, tudo isso era muito bom quando eu tinha saude; a vossa religião é realmente muito commoda para viver, mas é o demonio para morrer! »

Mal pensava aquella boa mulher, que tinha, com aquellas simples palavras, posto o dedo na falsidade da religião protestante.

Para que uma religião seja a verdadeira religião, a religião que conduz ao céo, não basta, com effeito, que seja commoda e que ponha de parte tudo o que incommoda no serviço de Deos. O protestantismo é commodo para viver; é uma razão para que seja terrivel morrer nessa crença. O protestantismo é commodo, logo é falso, logo não é a religião daquelle que disse:

« Como é estreita a porta, como é escabroso o caminho que conduz á vida eterna! Esforçai-vos por tomar esse caminho difficil e entrar por essa porta estreita. »

Não é esse protestantismo, sem obediencia á fé, sem obediencia á autoridade da Egreja, sem confissão, sem Eucharistia, sem sacrificio, sem penitencias, sem praticas obrigatorias, condemnado pelo Evangelho, cujo nome usurpa constantemente? Não é elle condemnado por Jesus Christo, quando esse divino Mestre accrescenta estas palavras terriveis: « Como é commodo e largo o caminho que conduz á perdição! »

XXIV.

A PEDRA DE TOQUE.

Ha um meio bem facil de descobrir a verdadeira Egreja entre todas as que pretendem esse titulo.

Nosso Senhor declarou claramente que seus discipulos seriam odiados pelos máos, como elle mesmo o foi primeiro. « O discipulo não é superior ao mestre; se o mundo vos odeia lembrai-vos que me odiou primeiro.»

Ora, desde os tempos apostolicos, nos attesta a historia que é contra a Egreja Catholica que constantemente se reuniram os esforços e as iras dos impios. Os judeus, os pagãos, os Turcos, os máos de todos os seculos, e até nestes ultimos tempos, os revolucionarios, todos escolheram e escolhem para alvo dos seus ataques a Egreja Catholica, e só a Egreja Catholica. Os bandidos da revolução franceza atacaram-a com violencia, prenderam e massacraram os Bispos e os padres, e deixaram em paz os rabbinos judeus e os ministros protestantes. Lêde os escriptos incendiarios dos nossos revolucionarios modernos; só a Egreja Catholica excita seus furores: e não só se não levantam contra o protestantismo; mas até o exaltam como favoravel ás suas vistas anti-christãs.

A união de todos os impios contra a Egreja Catholica seria por si só bastante para realizar a prophecia de Nosso Senhor. As seitas hereges, e particularmente todas as seitas protestantes, encarregaram-se de completar a prova. Separadas para tudo mais, em antagonismo de crenças e interesses, anathematisando-se umas ás outras, estão admiravelmente de accordo logo que se trata de injuriar e atacar a antiga Egreja de S. Pedro. Em frente desse inimigo commum, não fazem mais do que um só todo, e blasphemam no mesmo tom.

Herodes e Pilatos, inimigos até então, uniram-se para crucificar Jesus. A heresia e a impiedade, separadas por mais de um motivo, unem-se igualmente para ultrajar, flagellar e destruir a santa Egreja de Christo. Mas se a Egreja Catholica Apostolica Romana deve, a exemplo do Salvador, soffrer a sua paixão e completar assim a do seu Divino Chefe, tem como elle as promessas da vida eterna; sempre odiada, sempre blasphemada, vive e viverá sempre, porque Jesus está com ella até ao fim do mundo, e foi só a ella que elle disse: « Os poderes do inferno não prevalecerão contra ti.»

(Continúa.)

EXPEDIENTE DO BISPADO

Passaram-se provisões para os parochos respectivos receberem em suas parochias os contrahentes seguintes:

Dia 14 de Setembro

Antonio Joaquim Soares Hilario com Antonia Francisca Monteiro.

—Norberto Gonçalves da Fonceca com Maria da Gloria.

—Manoel Gonçalves Corrêa com Izabel Emilia da Conceição.

— Manoel Francisco Pereira Ramos com Josephina Emilianna Gonçalves.

—Lino Alves de Lima com Anna dos Santos, dispensados do impedimento de consanguinidade no terceiro grão igual da linha lateral.

— Francisco Gonçalves de Oliveira com Maria Fernandes Dias, dispensados do impedimento de consanguinidade no terceiro grão igual da linha lateral.

— Manoel Cosme da Motta com Angelica Rita Silvares, dispensados do impedimento de consanguinidade no segundo grão igual da linha lateral.

—João Gonçalves Souzinho com Maria Santa.

— Antonio Corrêa d'Avila com Reginalda Maria da Conceição, dispensados do impedimento de consanguinidade no quarto grão da linha lateral igual.

Dia 16.

Severiano Fernandes Corrêa com Maria Joaquina da Conceição, dispensados do impedimento de consanguinidade no terceiro grão attingente ao segundo da linha lateral desigual.

—José Pedro Maciel com Carolina Rosa da Conceição, dispensados do impedimento de consanguinidade no segundo grão da linha lateral igual.

—João Hygino de Carvalho com Alexandrina Dorothêa das Dôres, dispensados do impedimento de consanguinidade no terceiro grão igual da linha lateral.

—José Theophilo Peçanha da Silva com Francisca Benedicta de Azevedo Peçanha, dispensados do impedimento de consanguinidade no segundo grão attingente ao primeiro da linha lateral desigual.

Dia 18.

Manoel José Cardoso Barbosa com Maria Luiza Hosxe.

—Manoel Martins de Miranda com Josephina Rocha da Silva.

—Miguel Antonio de Souza Pereira com Engracia Rosa de Jesús, dispensados do impedimento de consanguinidade no terceiro grão attingente ao segundo da linha lateral desigual.

—Augusto Cesario de Figueiredo Cortes com Anna Candida de Figueiredo Castro, com dispensa do impedimento de consanguinidade no terceiro grão attingente ao segundo, e em quarto grão igual, ambos da linha lateral.

—Joaquim Gomes Maia com Carolina Amelia Gomes, dispensados do impedimento de consanguinidade no segundo grão igual da linha lateral.

—Francisco Antonio de Oliveira com Anna Maria da Conceição, dispensados do impedimento de affinidade licita no primeiro grão da linha lateral igual.

Dia 19.

Antonio Joaquim Soares Hilario com Antonia Francisca Monteiro.

—Miguel Alves da Silva com Anna Torres.

—Antonio da Silva Fontella com Francellina Maria Ferreira.

—Candido José Cabral com Faustina Rosa de Jesus, dispensados do impedimento de affinidade licita no segundo grão igual da linha lateral.

— Roque Lodi com Luiza Strambecchi.

— João Silveira de Souza com Eduviges Leonor Nunes.

Provimento.

Passou-se o seguinte:

Dia 19 de Setembro.

Declarando haver sido conferidas as honras de Conego da Cathedral e Capella Imperial ao padre João da Cruz Nogueira Penido.

PROCLAMAS

LIDOS NA CAPELLA IMPERIAL NO DIA 15 DE SETEMBRO DE 1872.

Izidro da Costa Teixeira com Izabel Christina Dias Leal.

Joaquim Antonio de Oliveira Rosa com Ermelinda Eugenia Celestina.

José Alberto com Amelia Maria da Conceição.

Dionizio José de Souza com Fortunata (Exposta da Santa Casa.)

Ricardo Coelho Alves com Maria Rosa dos Anjos Pacheco.

José Cardoso com Thereza do Espirito-Santo.

José Cardoso Fontes com Catharina da Conceição.

Francisco Carvalho da Silva Abreu com Maria Rosa de Oliveira.

Francisco José Ribeiro com Emilia Angelica da Cunha Rocha.

Antonio Luiz da Silva com Camilla Julia da Silva.

Henrique Kesse com Mathildes de Azevedo Mendes Salgado.

Francisco José da Ponte com Antonia de Jesus.

Eduardo Lowell com Maria Clarinda Pereira Franco.

Bacharel Francisco de Paula Marques Baptista com Maria Carolina Ramos.

Candido da Cunha com Anna do Rosario.

Luiz da Silva Duarte com Lucinda Candida de Jesus.

Antonio Paim Coelho com Idalina Maria Xavier.

Manoel das Neves Bittencourt com Innocencia Emilia.

Manoel Abál com Damianna Pinheiro.

José Caetano de Mattos com Carlota Maria de Jesus.

João da Costa Passos Junior com Josephina Maria Lopes.

Antonio Pinto de Gouvêa com Maria Amalia de Albuquerque Noronha de Moraes.

Justino Ribeiro do Nascimento com Maria de Sant'Anna.

Sebastião Emilio da Silva Maia com Guilhermina Praxedes Valdetaro.

NOTICIARIO

Festividades religiosas. — Celebra-se hoje na capella do Seminario Episcopal de S. José a festa das Sete Dores de Nossa Senhora.

— Na egreja dos religiosos Capuchinhos celebra-se hoje, ás 10 horas da manhã, a festa das Sete Dores de Nossa Senhora, com missa solemne: ás 5 horas e meia da tarde préga S. Ex. Revma. o Sr. Bispo capellão-mór: terminado o sermão seguir-se-ha o *Te-Deum* e depois a benção do Santissimo Sacramento. A's 8 horas da manhã haverá uma missa incensada e communhão geral.

—Celebram-se, hoje ás 11 horas da manhã, na egreja da Santa Cruz dos Militares, a festa de Nossa Senhora das Dôres, amanhã a de S. Pedro Gonçalves; e hontem celebrou-se a festa da Exaltação da Santa Cruz, com missa pontifical, tendo orado ao Evangelho o Revm. Conego Francisco Figueiredo de Andrade.

—Celebra-se hoje, ás 11 horas da manhã, na egreja matriz de S. Christovão a festa de Nossa Senhora do Soccorro, orando ao Evangelho o Revd. Vigario da Candelaria João Manoel de Carvalho e ao *Te-Deum* o Revm. vigario da freguezia Luiz Antonio Escobar de Araujo.

—Na egreja matriz de Nossa Senhora das Dores do Pirahy, celebram-se, hoje a festa da mesma Senhora, orando ao Evangelho o Revd. padre Macario Cezar de Alexandria e Souza, e amanhã a do Divino Espirito Santo, orando ao Evangelho o Revm. Vigario da freguezia Manoel Cordeiro dos Santos.

— Celebra-se na capella do hospital da Sociedade Portugueza de Beneficencia, a festa de S. João de Deos, orago do mesmo hospital.

Deputado.—Foi eleito deputado pelo 2º districto da provincia do Rio de Janeiro o distincto e illustrado Dr. Antonio Ferreira Vianna. S. Ex. representa, na nossa opinião, uma idéa grandiosa para nossa terra. Os catholicos têm no parlamento um representante de suas idéas; desta vez vingou uma eleição catholica, tendo cabido a gloria de dar o primeiro passo para a formação do PARTIDO CATHOLICO no Brazil ao 2º districto da provincia do Rio de Janeiro. Damos-lhe os parabens, assim como ao illustre deputado eleito, nosso particular amigo, o Exm. Sr. Dr. Ferreira Vianna.

ANNUNCIOS

MANUAL
DA
PRIMEIRA COMMUNHÃO
E DA
CONFIRMAÇÃO

Este bello directorio para a 1ª Communhão e Confirmação, recommendado e indulgenciado pelos Exms. Srs. Arcebispo da Bahia e Bispos do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pará, Ceará e Marianna, para uso dos meninos e meninas que se preparam a receber aquelles Sacramentos, é de muita utilidade em qualquer época da vida por ser um completo Manual de Piedade.

A' venda em casa de D. Bourget, rua d'Ouvidor n. 115, e na rua d'Ajuda n. 16.

A TYPOGRAPHIA
DO
APOSTOLO

Convenientemente montada com dous prelos mecanicos

E GRANDE VARIEDADE DE TYPOS

acha-se por isso habilitada a fazer todo e qualquer trabalho de impressão com a nitidez e perfeição que se possa desejar: na mesma se acham á venda as seguintes obras:

Nova edição do Ripanço, publicado sobre a edição do Porto em 1790. . .	4$000
Aparição de Nossa Senhora de Lourdes..	1$500
Constituição do Arcebispado, edição de S. Paulo, acompanhada do regimento do auditorio	14$000
Collecção de Sermões e Panegyricos pelo Padre Mestre Frei Firmino de Centelhas, lente de philosophia do Seminario de S. Paulo	3$000
Conferencias do Padre Felix, traducção do conselheiro Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque	1$000
Directorio do Mez de Maria, seguido de um epitome da Doutrina Christã e Septenario de Nossa Senhora. . . .	500
Delicias da Piedade, tratado sobre o culto da Santissima Virgem, seguido de uma conferencia sobre o culto dos Santos, pelo Revd. Padre Ventura, e traducção do Revd. Padre João Esberard.	1$000
A Liberdade Religiosa como a entende o Dr. A. J. Macedo Soares, refutada por ,** 2ª edição.	400
A sombra de Luthero, refutação da pastoral do padre Luthero, pelo Dr. A. Secioso	500
Tratado sobre o divorcio, segundo o direito synodal, canonico e civil brazileiro, pelo advogado Romualdo Antonio de Seixas	8$000
Ritual do Arcebispado da Bahia, em tudo conforme ao Ritual Romano do Santo Padre Pio V, e augmentado com muitas bençãos, absolvições, decretos das Sagradas Congregações, com um appendice relativo ás Missas solemnes, votivas e de requiem	5$000
Consultor Juridico, ou manual de Apontamentos em fórma de diccionario sobre variados pontos de direito pratico, por J. M. P. de Vasconcellos	5$000

Publicou-se e acha-se á venda nesta typographia:

AS LIÇÕES
DE
DOUTRINA CHRISTÃ
EM FORMA DE CATHECISMO

Adoptadas no collegio de Pedro II. e approvadas pelo Exm. Bispo diocesano

---

A EGREJA CATHOLICA
O SR. BISPO DIOCESANO
E O MAÇONISMO

PELO

Padre João Esberard

PRESBYTERO SECULAR E PROFESSOR NO SEMINARIO EPISCOPAL DE S. JOSÉ.

Acha-se á venda este interessante, bem elaborado e nitidamente impresso opusculo, nas casas seguintes:

Livraria Luzo-Brazileira, rua da Quitanda n. 30.

Livraria B. L. Garnier, rua do Ouvidor n. 69.

Typographia do *Apostolo*, rua Nova do Ouvidor ns 16 e 18.

Preço 1$000

Rogamos aos nossos assignantes das provincias, cujas assignaturas se acham vencidas, a bondade de dirigir sua importancia em carta registrada á esta typographia, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Typ. do APOSTOLO, Rua Nova do Ouvidor n. 16